

## Estreiam

### Encontro com uma civilização perdida

As salas de cinema como restos de uma civilização - no videoclube da Zero em Comportamento. *Luís Miguel Oliveira*

**66 Cinemas**

**66 Kinos**

De Philipp Hartmann



O alemão Philipp Hartmann visita salas de cinema do seu país – 66 – em busca dos restos de uma civilização em vias de desaparecimento, aquela que fazia do cinema um centro da vida cultural. O filme já é de 2016, pelo que falta o dado que vem abalar tudo – a pandemia. Um artigo do *Guardian* mostrava, para o caso britânico, que se a pandemia lançou o sistema dos multiplexes numa crise profunda, as salas independentes resistiram e até prosperaram (mas não vale a pena especular, se a pandemia fosse a II Guerra ainda nem tínhamos chegado ao desembarque na

Normandia). Em todo o caso, *66 Cinemas* reporta-se a uma época de “normalidade”, e a normalidade dessa época tinha as salas numa luta pela sobrevivência como pão nosso de cada dia. Vemos no filme os pessimistas, os que diagnosticam a morte do cinema como hábito recreativo-cultural das populações, e os optimistas que acreditam na “reinvenção” (não falta a inefável “curadora” que propõe com euforia a conversão do cinema em objecto de instalação em galerias, e acha que isso é vida) sem que o filme nos diga quais têm mais razão. *66 Cinemas* chama a atenção para um aspecto pouco explorado: cada cinema representa algo de único na relação com uma comunidade específica, a morte de uma sala é sempre a morte de uma memória qualquer (por oposição a um gigante do *streaming*, que tem milhares de filmes mas história nenhuma). A par disto, vai ao encontro de uma civilização perdida, a da película, com todos os seus pormenores incompreensíveis para uma geração já nada e criada na época digital. Não tem nenhuma nostalgia assinalável. As coisas são o que são, e talvez por isso a única resposta seja da ordem do *wishful thinking*; como o rapaz cinéfilo que formula o desejo de ter nascido “trinta anos antes”, e profetiza que a nova cultura cinematográfica terá cada vez menos lugar para a “violência da vanguarda” (pensaria talvez, sendo alemão, em Werner Schroeter) e se subsumirá em “filmes de autor medíocres e piegas” (pensando, talvez, em quase tudo o que resta).